

LEITURA: LIBERDADE E GENEROSIDADE QUE O TEXTO OFERECE

Maria de Fátima de Mello (UFU)
fatima.1407@hotmail.com

RESUMO

Na escola, tradicionalmente, ainda predomina o discurso autoritário, pois existe a ideia de um sujeito (falante e ouvinte) homogêneo; uma enunciação isenta de tensão; e a falta de reversibilidade de papéis, em que só aluno aprende, só professor ensina. Já a leitura, que é feita de imaginação, vai ao encontro da liberdade, porque permite buscar outras possibilidades. Dessa forma, a escola não deve transformá-la em uma ferramenta pedagógica, limitá-la, acanhá-la, como se o convívio com a fantasia fosse um bem menor. A relação pedagógica deve empreender deslocamentos e, assim, contribuir para a formação de indivíduos desenvolvidos e permitir a inserção deles em uma coletividade. Neste trabalho, queremos problematizar a questão da leitura, não como obrigação, mas como um presente, uma oferta. A discussão conta com o aporte teórico de Orlandi (1999), Larrosa (2001), Barthes (2003), Kohan (2004), Queirós (2012), entre outros. Entendemos que a leitura tem o poder de convocar os envolvidos a se engajarem nessa relação em que o humano pode encontrar um lugar entre seus pares e inserir-se na cultura.

Palavras-chave:

Deslocamentos. Leitura. Liberdade. Relação pedagógica.

1. Introdução

“Que fique no professor um gosto muito grande de juntar-se a outros que tecem o brilho das manhãs e que entoam, como poesia também, o canto das madrugadas. O dia, como num grande coro, terá a voz de muitos, de cada vez mais outros; que sabem que podem falar, que podem ouvir, que podem até ler e escrever as páginas que vão compor a história. Porque a ninguém está negado o direito à voz, o direito à palavra, que dizendo de todos nós, é semente e será fruto.” (ANTUNES, 2003)

Na escola tradicionalmente ainda predomina o discurso autoritário, isto é, prevê-se um sujeito homogêneo, tanto como falante quanto como ouvinte; uma enunciação isenta de tensão; e a falta de reversibilidade de papéis, onde só aluno aprende, só professor ensina (ORLANDI, 1987). Ainda conforme a autora, “há, em relação à escola, uma seleção

que decide, de antemão, quem faz parte dela e quem não faz, quem está em condições de se apropriar desse discurso e quem não está.” (p. 34). Ela ressalta que não vê o “procedimento autoritário, como o de simples e pura exclusão, mas de dominação, e o dominador não exclui o dominado, o incorpora como tal. Falamos de um lugar que nos constitui e nos coloca no jogo discursivo, linguageiro e isso nos remete à Derrida, “tenho uma língua, mas ela não me pertence”. Em outras palavras, tenho ilusões de conforto na língua materna e, conforme a língua me afeta, eu me constituo como sujeito, isto é, o sujeito é a língua.

A maioria dos professores, mesmo das gerações mais novas, convive com uma escola uniformizada, alinhada com comportamentos disciplinares, onde o papel central do professor é mostrar ao aluno suas deficiências disciplinares, seus erros de conteúdo, sua inadequação comportamental. Assim, “o professor impõe seu poder conforme discursado e legitimado pela sociedade, pelas autoridades educacionais, ou por aqueles que assimetricamente se apoderaram do poder, criando assim uma realidade baseada na exclusão” (BOHN,2013,p.81).

Este artigo está organizado em cinco seções: a primeira é esta introdução. Na segunda seção, abordamos leitura e liberdade. Na terceira, discorreremos sobre a experiência de uma a roda de leitura na sala de aula. Na quarta seção, apresentamos uma breve discussão dos resultados e, por último, as considerações finais.

2. *Leitura e liberdade*

A habilidade de leitura é entendida como linguagem e como meio de fundação do sujeito-humano e o ser humano, em princípio, é um Ser, antes de alçar-se à condição de sujeito. A leitura acontece ao desencadear-se o processo criativo em que o sujeito e a linguagem interagem permanentemente. Assim, ler é abrir-se para o afeto, para o desencontro, para a tristeza, para o medo, para o luto (LARROSA, 2001). Para esse autor, ler é encorajar-se diante das contingências da existência, é apropriar-se das incertezas do amanhã. Nessa direção, a leitura não é um dever no sentido de uma obrigação, mas uma dívida, uma tarefa que quando experimentada torna-se uma busca, um caminho do sujeito em busca de ser. Larrosa nos chama a atenção para algo tão delicado e sutil como, por exemplo, o professor oferecer o texto como um presente já que é isto que o texto é, um presente. Ao ler em público, o mestre vai lendo, escutando

o texto, escutando-se a si mesmo e escutando o silêncio daqueles com os quais se encontra lendo:

(...) quando esse ato de ler em público tem lugar na sala de aula, costumamos dizer que se trata de uma lição. Lição, lectio, leitura. Uma lição é uma leitura e, ao mesmo tempo, uma convocação à leitura, uma chamada à leitura. O texto já aberto recebe àqueles que ele convoca, oferece hospitalidade. Uma leitura torna o jogo mais fácil quando permite que o ensinar e o aprender aconteçam. (LARROSA, 2000, p. 139)

Assim, três elementos são essenciais: o texto, a voz do professor e o silêncio que é de todos e de ninguém. Pensemos na palavra que o texto dá:

(...) a liberdade que a lição dá é a liberdade de tomar a palavra. Tomar a palavra é a ruptura do dito e a transgressão do dizer enquanto limitado e institucionalizado, enquanto dito como está mandado. Somente a ruptura do já dito e do dizer como está mandado faz com que a linguagem fale, deixa-nos falar, deixa-nos pronunciar nossa própria palavra. (LARROSA, 2000, p.140)

Assim, tudo o que Larrosa diz sobre leitura toca-nos profundamente. Percebemos em suas palavras o amor, o êxtase pelo ler e é neste lendo que mora a liberdade, a liberdade de Ser, pois esse ler é um dizer autêntico porque é livre tanto para quem lê quanto para quem escuta. Parece um poema o que diz Larrosa sobre a leitura:

A liberdade na leitura é generosidade. A palavra que o texto dá, só é dada pela suspensão do querer dizer, de nossas intenções, de nossa vontade. A palavra que se toma, não se toma porque se sabe, mas porque se quer, porque se deseja, porque se ama. Ao tomar a palavra, não se sabe o se quer dizer. Mas se sabe o que se quer dizer. Um dizer em que a liberdade. Ao mesmo tempo se afirma e se abandona, afirma-se, abandonando-se se abandona, afirmando-se (LARROSA, 2001).

3. *Roda de leitura na sala de aula*

No início do ano de 2016, ministrei aulas de Língua Portuguesa para turmas de sexto e sétimo anos. O primeiro livro a ser lido foi “O menino do olho vivo”. Formamos um círculo, eu fiquei no meio lendo e apresentando as páginas do livro para os alunos. “O Menino de olho vivo” (1994), de Ricardo Azevedo é uma história simples. É um relato de um menino sobre o olhar, o enxergar diversos fatos do cotidiano. É como se nossos olhos tivessem uma função e esta função está ligada às impressões subjetivas. No texto, percebemos a utilidade dos olhos, para que servem, os tipos de olhares... olhar de acusação, admiração, repressão.

O livro apresenta vários fatos, suposições e impressões ligados à ideia do olhar, aproximando-se do monólogo interior, abordando uma reflexão sobre o ver, o olhar o mundo a partir de uma perspectiva individual e subjetiva. O menino mostra o lado bom e o lado ruim de não enxergar. A história fala de questões cotidianas, mas acima de tudo fala sobre a complexidade do ser humano. A partir da leitura, percebe-se que o olhar pode revelar situações interiores, traduzir sentimentos e emoções, mostrar tanto as pequenas como as grandes coisas existentes no mundo.

Como atividade, foi solicitado pequenos relatos sobre a história ouvida. Eis alguns excertos dos textos dos alunos:

A história conta sobre um menino que fala sobre a importância do olhar. É tipo assim a história: Os nossos olhos servem para enxergar. Se não enxergássemos seria terrível. Os cegos devem sofrer por causa disto, mas tem algumas coisas que acontece que eles até dão sorte de não ver a poluição, as brigas e outras coisas. A história também diz que se a gente prestar muita atenção, a gente pode ver o além das coisas, como conversar com as formigas. Essa história parece estranha... (ALUNO 1).

Hoje minha professora leu uma história. Engraçado que tem uma diferença entre ler e ouvir, tem diferença quando se lê e quando se escuta. Pelo título do texto eu pensei que seria uma história de um menino que teria ficado cego e no final das contas, ele acabaria enxergando de novo. Na verdade era uma história sobre um menino que enxergava tudo de vários modos, de pertinho, de longe e adorava conversar com formigas. Se eu fosse cega. Deus me livre... eu acho que seria um pouco mais "fácil" ter nascido cega porque eu já me acostumaria desde pequena do que se ficasse cega do nada (ALUNO 2).

Um outro aluno criou outra história a partir da que foi lida:

Era uma vez, um menino que era muito bonito, mas a letra dele era horrível. Ele se esforçava e quanto mais ele não enxergava nada. Um belo dia, ele estava caminhando para ir a escola. Só que o menino não conseguia enxergar o nome, nem as letras, nem palavras, não conseguiu. Mas sua amiga estava passando e resolveu ajudar. E sua amiga levou ele na sua casa. Lá sua mãe perguntou o que tinha acontecido e sua amiga falou que não sabia. Ele falou que não conseguia mais enxergar e sua mãe preocupada, levou o menino para o médico. Lá o médico falou que o menino ia ficar bom e ele chorou com sua mãe. Por isso, dê valor aos seus olhos, dê importância ao que você tem (ALUNO 3).

Em uma turma do sétimo ano, foi escrito na lousa o primeiro parágrafo da história para eles continuarem e alguns escreveram assim:

As pessoas não dão valor a importância de ter olhos saudáveis, de enxergar as coisas e as cores. Imagina um dia você acordar e perceber que

não enxerga e que não pode ver as pessoas e as coisas. Seria muito ruim. As pessoas com deficiência visual têm muita dificuldade em seu dia a dia. Elas precisam de ajuda, da ajuda que poucos se dispõem a dar. (ALUNO 1)

Pouca gente repara como é gostoso acordar de manhã. Abrir o olho e ver sua mãe, sua família, até mesmo você! Dar um abraço em quem você ama e ver cada detalhe. Muita gente não dá valor na vida que tem, poder olhar o sol, o céu, ver as pessoas na rua, andar sem se preocupar se vai cair, tropeçar ou sei lá! Nada melhor do que ser independente, não precisar de ninguém! Poder enxergar! O importante é viver bem. Então desde já agradeça, pois o amanhã pode ser muito tarde. (ALUNO 2)

Poder ver sua mãezinha, dar um abraço bem gostoso e ir tomar café da manhã, depois ajudar ela a fazer seus afazeres. Tem muita gente que não pode ver isso tudo. Às vezes você reclama da vida sendo que ela tá sendo a melhor de todas. Muitos não conseguem entender. Como tem gente egoísta nesse mundo...A vida um dia pode acabar, mas não é porque você tem alguém da sua família que não enxerga, que ela pode acabar. Então dê valor aos seus olhos. Agradeça a Deus por ele ter te dado dois olhos e por enxergar cada dia que você acordar. É assim que eu penso e você? (ALUNO 3)

Tem pessoas que não conseguem fazer isso de manhã acordar e ver o mundo, ver sua família, seus amigos e ver as cores. Sim, ver o mundo. É bom ver as pessoas, ver os carros, ver um jogo de futebol, de basquete, ver tv, jogar videogame. Muitas pessoas cegas perdem isso. É bom ser uma pessoa que vê tudo e vê as cores e vê as pessoas e vê o mundo evoluindo em questão de segundos, minutos e horas. A cada piscada você perde alguma coisa. O mundo é baseado em moda e dinheiro. É bom ser completo. Se você não for, não vai ser feliz nem triste, sim porque você não vai ver a magia do mundo. (ALUNO 4)

Quase todas as pessoas não sabem como acordar, abrir os olhos e sentir o vento no rosto. Poucas dizem que é só olhar para o teto e pronto, mas não é só isso. Acordar na manhã de domingo, olhar para o teto e ver o sol na sua cara, isso é bom e ter um olho vivo e poder enxergar todos os dias. E ver todos os dias sua mãe te chamando para tomar café e você poder ver sua mãe linda te chamando de filho (a) isso é bom demais. Todas as pessoas reclamam do que tem sem ter nenhum defeito e ter sua mãe, seu pai e reclamar de tudo isso. (ALUNO 5)

Em uma outra turma, também do sexto ano, foi lido o livro “Menina bonita do laço de fita”, de Ana Maria Machado. A seguir, algumas impressões dos alunos depois de ouvirem a história lida em voz alta:

Eu achei legal porque são só imagens de uma menina feliz e é isso que todos nós merecemos: ser feliz. A autora conta a história de uma menina pretinha que tinha um coelho que queria ser igual a ela ou ter filhotes igual a ela. A história é bem contada e também não devemos ser racistas, apesar que meus avós eram negros. (ALUNO 1)

O título é ótimo ele dá uma vontade de ler. O título sempre ajuda o leitor a entender melhor a história e o que ela representa. Se fosse outro título como a menina linda e falar de outra coisa ia ser muito confuso. As ilustrações são ótimas. Ajudam a entender melhor a história e o que ela representa. Sem as ilustrações, como seria a menina? Como é a fita? Com as ilustrações podemos saber como tudo o laço, a fita, o coelho etc. A autora quer chamar a atenção de como o coelho queria saber sobre a menina do laço de fita que era tão pretinha para ter filhos iguais a ela. A menina do laço de fita era tão pretinha para ter filhos iguais a ela, bonita e pretinha. Como ela não sabia, inventou coisas e só no final falou a verdade. Eu penso que a história é ótima para ensinar as pessoas e crianças, a estimular a pessoa a ler e escrever melhor e entender como as pessoas são. Tem as pessoas que são negras, brancas ou mestiças, mas todas são bonitas.

4. *Discussão e resultados*

Percebe-se, nas impressões escritas pelos alunos, que a escuta da leitura em voz alta suscita emoções e influi sobre sua afetividade, porque passa pelo desejo e pelo prazer. Assim, a leitura não deve estar restrita a um mero exercício burocrático da escola, pois o ato de ler é uma habilidade mental que envolve, além da cognição, os estados afetivos internos do leitor como motivação, prazer, interesse e satisfação que se enquadram na esfera afetiva e influenciam o gosto e interesse pela atividade.

Foi uma experiência muito rica ler as duas histórias infantis para os alunos do sexto e sétimos anos e depois ler os textos produzidos por eles a partir do que ouviram. Nesses pequenos excertos, percebemos a sensibilidade e interação deles com as histórias ouvidas. Percebe-se que a leitura em voz alta, por exemplo, suscita uma escuta engajada que possibilita liberdade de pensamento e de expressão. Importante frisar que a leitura provoca uma desconstrução do dito proporcionando ao sujeito reestruturar seu pensamento.

De acordo com Barthes (2003), a linguagem é o objeto em que se inscreve o poder. Assim, ele defende que a Literatura pode subverter esta ordem imposta pelas práticas discursivas. A literatura é mantenedora de muitos saberes, pois todas as ciências estão contidas nela uma vez que a realidade é retratada. Ela seria um caminho para traduzir-se algo incompreensível. Cabe à escola considerar o mundo como espaço de reflexão, de crítica, de criação e, acima de tudo, de liberdade. Quando falamos em liberdade, pensamos em literatura... leitura, uma vez que é revestida de fantasia, a literatura convida os leitores a voarem. Conforme Bartolomeu de Queiros (2012):

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos- que inauguram a vida-como essenciais para o seu crescimento. (QUEIROZ, 2012, p.30)

Concordamos com ele quando insiste em que a escola não pode ser sinônimo de contenção da liberdade. Para o autor, a escola é servil, mas a literatura não, pois ela só existe em liberdade, porque persegue a beleza. A experiência de ler com os alunos e para eles na sala de aula foi muito enriquecedora. Mais uma vez lembramos o que nos diz Larrosa: “Ler é morar e demorar-se no dito, é recolher-se na indeterminação do saber, sem um final. A ação de ler extravasa o texto e o abre para o infinito” (p. 142).

Observamos que, na escuta da leitura em voz alta, os alunos são capturados pelos deslizamentos melódicos e rítmicos e são convocados a receberem a leitura como um presente. A leitura em voz alta das histórias infantis para os alunos do sexto e do sétimo anos surtiu efeitos, no sentido de mobilizar a atenção deles e a apreciação pela atividade, conforme foi visto por suas impressões registradas por eles a partir do que ouvira. Nesses pequenos excertos, percebemos a sensibilidade e interação dos alunos com as histórias lidas. Brenman (2003, p.104.) ressalta que a escuta de textos lidos pode levar a criança, no mínimo, a uma aproximação aos livros e incidir positivamente no processo de formação de um leitor. O autor acrescenta que a criança que é exposta à leitura em voz alta pode perceber as diferenças na organização do escrito em relação ao oral e tem condições de enriquecer seu vocabulário.

5. Considerações finais

Assim, observamos que a leitura vai ao encontro da liberdade porque permite buscar outras possibilidades. Tendo em vista que a literatura é feita de imaginação, a escola não deve transformá-la em uma ferramenta pedagógica, limitando, acanhando, como se o convívio com a fantasia fosse um bem menor.

A partir do que foi exposto, percebe-se que a leitura é uma prática de letramento que provoca a inserção do aluno no mundo das letras e suscita uma magia, porque é imbuída de grande envolvimento emocional por parte de quem lê e essa emoção convoca quem escuta a participar

dessa atividade que se transforma em verdadeiro mistério e vai marcando a entrada e permanência da criança na cultura escrita. Portanto, a relação entre escola e liberdade acontece por meio da leitura, pois ela reabre a questão para a qual se buscam as respostas, impulsionando o sujeito a se constituir como tal.

Dessa forma, tendo em vista que a relação pedagógica deve empreender deslocamentos da ordem de uma ação educativa e contribuir para a formação de indivíduos expressivos e criativos permitindo a inserção deles em uma coletividade, vimos que, por meio dessa proposta pedagógica ocorre algo que está além do nível aparente e que tem o poder de convocar os alunos a se envolverem e a se engajarem na atividade proposta. Nesse sentido, a leitura na sala de aula pode sim, dar novos rumos às pulsões, a fim de que o aluno possa encontrar um lugar entre seus pares e inserir-se na cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023, de 21.11.2018. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2018. Rio de Janeiro, 2018.

ANTUNES, L. C. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola.

AZEVEDO, Ricardo. *O menino de olho vivo*. São Paulo: Ática, 1994.

BARTHES, Roland. *Aula*. Editorial, 2003

BOHN, H. Ensino e aprendizagem de línguas: os atores da sala de aula e a necessidade de rupturas. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: fetschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 78-98

BRENMAN, I. *Através da vidraça da escola: Uma reflexão sobre a importância da Leitura em voz alta de obras literárias na Educação*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

FUKUE, Mário Rafael Yudi. Contribuições do conceito de identificação imaginária para a Análise do discurso. In: *IV SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso 1969-2009: Memória e história na/da Análi-*

se do Discurso Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 10 a 13 de novembro de 2009.

KOHAN, W. O. *Infância*. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

LARROSA, J. *Pedagogia profana*: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOPES, M. *et al.* *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

ORLANDI, E. P. *Do sujeito na história e no simbólico*. Escritos nº 4. Campina-SP: publicação do Laboratório de Estudos Urbanos Nudetri/LABERURB, maio, 1999. p. 17-27

PASTORELLO, L. M. *Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança* (tese). Faculdade de Educação, USP, São Paulo, 2010.

QUEIRÓS, B. C. *Sobre ler, escrever e outro diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.